

EDUCAÇÃO E MUNDO COTIDIANO

Oswaldo Freitas de Jesus*

1. A RELEVÂNCIA DO MUNDO COTIDIANO

Para Edmund Husserl, "O mundo é a totalidade dos objetos que podem ser conhecidos através da experiência atual, em termos do pensamento teórico."¹ Dois tipos de ciências teriam acesso a este mundo: as naturais e as sociais. As primeiras ocupam-se com o mundo físico e as últimas do mundo social e psicológico. Tudo que estiver fora do universo da experiência não integra este *Gesamtinbegriff* von *Gegenstanden*.²

Este mundo não é a "res extensa" de que falava René Descartes, ao distinguir a res corporea da res cogitans.³ Ele é, na verdade, a "res victa". Noutras palavras, a natureza e o universo não são o mundo e muito menos o são a mente e as idéias. O mundo, verdadeiramente, é a *síntese* das relações do homem consigo mesmo, com a natureza, com o universo e com os outros. Só se torna *real* aquilo que adquiriu seu habitat ou significação no mundo humano. Tanto antes, bem como depois do homem não existe mundo, nesta acepção. Existir quer dizer ex-sistere, isto é, mostrar-se ou sair-se de. Só via homem tudo que está presente como exterioridade mostra também sua interioridade. Através do sentido, tudo que *está*, existe no sentido do homem. É nos meandros de sua mente que tudo adquire seu *estar* e seu *ser* no mundo.

O mundo mais próximo do homem é seu *Umwelt*.⁴ Nele estão a natureza humanizada e os instrumentos, inventados por ele, para sua lida diária. A própria natureza, nesta perspectiva, torna-se um instrumento. A terra é de plantar; o rio é navegável ou potável; a planta é madeira; os animais são fontes de alimentação e serviço.

A organização do sentido só ocorre, porque há os símbolos que os contém e as instituições que permitem seu uso organizado. O Estado é um exemplo típico de instituição. Por ele se organizam as relações de força dos homens. Com o auxílio da religião, ciência, arte, filosofia e outras instâncias culturais, o sentido se organiza na sociedade, permitindo as relações inter-pessoais e com a natureza mesma.

1. Cf. HUSSERL, Edmund. *Ideen zu Einer Reinen Phanomenologie und Phanomenologischen Philosophie*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1980. p. 8.
2. A totalidade dos objetos, na linguagem husserliana.
3. Cf. HEIDEGGER, Martin. *Seit und Zeit*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1979. p. 89.
4. *Umwelt* pode ser entendido aqui como o mundo circundante, onde a existência se essencializa.

O mundo cotidiano emerge do exercício da existência do homem, na sua lida com todo o equipamento, instituições e nas relações com seus semelhantes, *via linguagem*. O mundo cotidiano, devido ao seu sentido escondido, escapa à ciência. Ele deve ser entendido como "(...) aquele aspecto da realidade que cada adulto normal e alerta admite como existente numa atitude resultante do senso comum".⁵ Sobre ele não se fazem perguntas, nem se têm dúvidas. Que os olhos vêem, ninguém duvida; que o fogo queima, todos sabem; que a morte está no final da vida, cada um aceita, ainda que não se conforme.

A força do cotidiano é decisiva na estruturação do comportamento humano. Não é a ciência que ilumina a cotidianidade, mas sim a experiência, que nada tem de científica, por ser particular, subjetiva e irrepetível na sua íntegra, noutros indivíduos. Em geral, as atitudes e os comportamentos emergem do interior da existência. Se se quer bem entender os porquês e os para-quês da conduta humana, deve-se investigar de preferência a vida cotidiana, no âmbito do mundo vivido. É ele que forma a consciência.

2. A VIDA COTIDIANA E A EXISTÊNCIA

A realidade da vida cotidiana é aquela mais próxima da cada um. Para o cientista, no laboratório, o sol é uma estrela da Via Láctea, ladeada de nove planetas que movem a seu redor. No aconchego de seu lar, contudo, o sol é que se levanta e se põe todos os dias. Não lhe interessa, no meio familiar, se o sistema é o geocêntrico ou heliocêntrico. Na verdade, a realidade da vida cotidiana é especial e determinante Stoff que constitui a existência. Nas palavras de Berger e Luckmann:

A realidade da vida cotidiana está organizada em torno do aqui de meu corpo e do agora de meu presente. Este aqui e agora é o foco de minha atenção à realidade da vida cotidiana. Aquilo que é aqui e agora, apresentado a mim na vida cotidiana, é o realissimum de minha consciência.⁶

Este realissimum da vida cotidiana é, sem dúvida, decisivo para a compreensão do homem *qua* pessoa. A consciência, em suas diferentes manifestações cotidianas, mostra que seus fundamentos são construídos na lida com as coisas e com as outras pessoas. No laboratório, ao ser observado, o homem deixa escapar de si a fluência natural de sua cotidianidade. Fora de seu milieu, ele perde muito de sua ligeireza existencial.

5. SCHUTZ, Alfred & Luckmann, Thomas. The structures of the life-world. Trad. Richard M. Zanner. Evanston, Northwestern University Press, 1973. p. 3.

6. BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes, 1978. p. 39.

A pessoa pode ser entendida como um conjunto orgânico de experiências, estocadas e hierarquizadas pela força centripetizante da *egoidade*, no seu exercício existencial. Este princípio faz que as experiências sejam personalizadas e adquiram um estilo individual. A *egoidade*, força unificadora na estocagem de experiências, permite a continuidade da pessoa *qua* pessoa, em sua seqüência comportamental. Sem ela, haveria dispersão e descontinuidade da ação individual. A menos que haja desacertos e distúrbios, cada pessoa é ela mesma nas circunstâncias mais diferentes.

Pode-se perceber a importância da congruência interna, quando todos tudo fazem para ser eles mesmos na linearidade de suas condutas. Daí ser a explicação ou justificativa uma forma muito freqüente de reconstrução da continuidade comportamental ameaçada. Este fenômeno foi muito bem tratado por Festinger, ao trabalhar a questão da dissonância cognitiva:

A presença da dissonância leva à ação para reduzi-la, tal como a presença da fome, por exemplo, conduz à ação para reduzir a fome.

Para o autor da teoria da dissonância cognitiva, os conflitos e incoerências da consciência são *desarmonias*, provocadas pela diversidade das experiências a que se expõem todos os indivíduos. A fim de evitar o efeito desagregador da dissonância cognitiva, o indivíduo ameniza a incongruência, racionalizando seus motivos. Para o fumante, à guisa de exemplo, o cigarro não é tão nocivo, desde que se fume com parcimônia. É assim que sua estrutura pessoal consegue conviver com as próprias rupturas comportamentais.

Fundamental na constituição da pessoa é a *egoidade*. Esta força aglutinante de experiências, capaz de estabelecer o princípio da individualidade, separa e identifica as pessoas uma das outras. A preocupação de que se é e não outrem, garante a cada um ser ele mesmo. É pela *egoidade* que a consciência não se torna um estoque randômico de experiências. Só em circunstâncias ou situações de anormalidade, a unidade da consciência perde seu poder centrípeto. Todo indivíduo zela para que seu EU seja reconhecido e admirado por todos.

A pessoa está em sua consciência. Como o próprio termo bem o indica, a consciência é *cum-scientia*, isto é, um estoque de conhecimento, organizado e unificado pela *egoidade*. Preservando ativas as formas mais inclusivas e reduzindo ao esquecimento as menos inclusivas, a consciência evita sua própria implosão através da redução memorial. O indivíduo só mantém vivo na memória o que melhor lhe convier.

O número de informações a que cada um se expõe, no exercício de sua existência, é verdadeiramente volumoso. Cerca de 100 trilhões de BITS fazem parte do estoque de conhecimento do homem comum.⁸ Todo este fantástico

7. FESTINGER, LEO. Teoria da dissonância cognitiva. Trad. Eduardo Almeida. Rio de Janeiro, Zahar, 1975. p. 25.

8. Cf. SAGAN, Carl. Cosmos. Trad. Ângela do Nascimento Machado. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982. p. 278.

volume de informações entraria em colapso, se não fosse metabolizado pela estrutura cognitiva humana.⁹

A consciência, além de estabelecer relações internas na estruturação do conhecimento de que dispõe, efetua também a síntese e transformação dos mesmos, na medida que manifestem pontos de intercessão. Noutras palavras, o conhecimento mais inclusivo ancora o menos inclusivo, de acordo com suas afinidades semânticas. À guisa de exemplo, a idéia de *terra* inclui naturalmente o *Continente Americano*.

A consciência não é apenas este estoque de conhecimento lógico de que cada um dispõe. Também os sentimentos e forças instintivas primitivas entram em sua configuração. Junto de todo conhecimento reina uma atitude emotiva, a qual, por sua vez, não se *fenomenologiza* senão a nível de latência. Noutras palavras, não é só o estoque de conhecimento lógico que compõe a consciência do indivíduo. Dados semelhantes podem ser apresentados para indivíduos diferentes e deles obter-se-ão também respostas diferentes, sobretudo se estiverem envolvidos sentimentos e preferências. Uma mãe, por exemplo, dificilmente condenaria seu próprio filho, ainda que dolorosamente de sua culpa soubesse.

A pessoa está em sua consciência, mesmo quando adormecida. A consciência, por sua vez, está em seu corpo e este, por fim, está no mundo da existência.¹⁰ Ela é constituída pelas experiências que o indivíduo adquire através do exercício de sua existência. Ainda que despercebidamente, o homem está a aprender ininterruptamente.

A consciência retira suas experiências de dois mundos distintos: o físico e o social. O primeiro parece ser mais premente, por se tratar daquele que provê o indivíduo de seus meios de subsistência, já que no vácuo a vida não aconteceria. Este mundo físico, aliás, não coincide necessariamente com a natureza bruta. Ele é, na verdade, o conjunto equipamental e natural, humanizado pelo homem em sua diária lida. Para o pensador alemão, Martin Heidegger, o mundo é o equipamento que serve ao homem:

Chamaremos de equipamento aquelas entidades que encontramos circunspectamente. Em nossa lida, deparamo-nos com o equipamento de escrever, costurar, trabalhar, transportar e medir.¹¹

A natureza ontológica das entidades que compõem o equipamento emana da

9. Entende-se por estrutura cognitiva, neste contexto, o estoque de conhecimento existente em cada indivíduo. Este conceito está melhor desenvolvido em AUSUBEL, David P. *The psychology of meaningful verbal learning*. New York, Grune & Stratton, 1968. p. 76.
10. Cf. MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de la perception*, Paris, Galhirmard, 1983. p. 175, onde o autor discute um novo esquema de relações entre o sujeito e seu corpo.
11. HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen, Max Nimeyer Verlag, 1979. p. 68.

*a-fim-de-queda*¹² de cada uma delas. A mesidade da mesa está exatamente na função que este objeto desempenha, enquanto parte do conjunto equipamental total. Não só para fins conhecidos, mas também para outros desconhecidos, estas entidades têm possibilidades ontológicas. Um garfo, por exemplo, pode transformar-se numa arma mortal nas mãos de um alucinado.

A grande característica ontológica do equipamento é seu perene estar-à-disposição-para-o-uso e sempre e só ao lado-de. Entre uma entidade do equipamento e outra que de si próxima esteja, nada há de inter-ôntico. Cada um exerce sua *a-fim-de-queda* no seu tumular isolamento. Podem elas estar mesmo unidas numa mesma tarefa sem, contudo, haver qualquer movimento interno de uma para outra. Na *robótica*, as entidades automáticas compartilham de sinais comuns que lhes ditam sua performance. Ainda assim, não estão comunicando subjetividade. Nelas o que há é apenas uma objetividade, escondida no interior de memórias eletrônicas.

A egoidade confere ao homem um traço peculiar. No computador, o estoque de conhecimento jamais passará de estoque de informações. Faltam a ele as emoções e as pulsões dos instintos, tão necessários na constituição da consciência. Com o homem, este estoque de conhecimento é ladeado e entremeado de sentimentos e instintos primitivos, sob a força centrípeta da egoidade.

O homem é antes de tudo uma pessoa. Ele se percebe como sendo ele mesmo e não outrem, o que lhe permite a busca constante de ser mais que ele mesmo a cada momento que passa. Daí este caráter de *inacababilidade* a permear a estrutura de todo indivíduo. O homem, na verdade, tem outra natureza ontológica. Ele não está somente à-disposição-ao-lado-de. O homem está sempre junto-de-solicitamente, ainda que para o próprio interesse. É por este motivo que é plausível a sociedade humana.

Para se prejudicarem, ou não, os homens estão intersubjetivamente situados no mundo onde vivem. Poder compartilhar suas consciências é sua grande característica. Não existe nenhuma egoidade em isolamento absoluto, porque, para se tornar, a pessoa estabelece antes relações sociais, de uma forma ou de outra. Como o bem disse Martin Buber:

O Eu realiza-se no seu relacionamento com o Tu; ao tornar-me Eu, digo também Tu.

A consciência é formada pela experiência, abstraída do mundo equipamental e social. A construção da cultura só é possível, porque o homem consegue formar um estoque de conhecimento inter-pessoal, disponível a todos, em decorrência das simbologias criadas e mantidas como veiculadoras do sentido.

12. Esta expressão quer traduzir o "Um-zu" de Martin Heidegger, em *Sein und Zeit*. Um-zu é uma conjunção subordinativa final.
13. BUBER, Martin. Das dialogische Prinzip. Heidelberg, Verlag Lambert Schneider, 1979. p. 15.

Entre as simbologias, criadas pelo homem, a linguagem ocupa um lugar privilegiado. O universo conceitual, representativo da realidade, permite ao homem organizar suas relações, seu trabalho e seu estoque de conhecimento. A linguagem é a forma humana de estocar experiências, desenvolver a cultura e desencadear a força da inteligência. Ainda que haja sinais de inteligência noutras espécies, só no homem ela ganhou força definitiva; para isso foi decisivo o papel da linguagem.

A linguagem, além destas funções básicas de estocar conhecimento e permitir a comunicação da inter-subjetividade, exerce também uma função *conativa* nas relações humanas. Os homens exercitam sua força política de persuasão através da linguagem. A comunicação verbal humana é um processo inter-agente, onde o locutor espera sempre alguma modificação no comportamento de seu receptor. Nas palavras de Noam Chomsky:

A linguagem é diretiva no sentido de que quase sempre existe na fala humana uma intenção definida de comunicar algo a outrem, modificando seu comportamento, seus pensamentos ou sua atitude geral diante de alguma coisa.¹⁴

Poder-se-ia dizer metaforicamente que a linguagem inventou o homem. Ela permitiu a criação e organização da cultura; ativou e sofisticou a inteligência, ao fazê-la verbal; colocou os homens na invejável situação de poder comunicar sua *subjetividade*. A linguagem, noutra metáfora, poderá ser chamada de o caminho do homem para dentro de si mesmo e para os outros. Ela, juntamente com os sentimentos e pulsões primitivas, permitem a estruturação da consciência.

A palavra, sobretudo aquela expressiva de vivências mais profundas, demonstra que o conhecimento combina com as emoções. O nome de uma pessoa malquista ou benquista provoca reações emotivas além de uma referência semântica pura. A linguagem humana é algo *emotivizado* e *semanticizado*.

O mundo cotidiano e a consciência estão fundamentalmente interligados. Ela só se forma a partir dele. Daí, porque a analítica de ambos torna-se decisiva no processo educacional. À medida que o homem mais se civiliza, mais se enfraquecem seus antigos guias: seus instintos. A inteligência e a cultura, aos poucos, vão assumindo as funções outrora instintivas. O cão caça pelo olfato; o touro só cobre a vaca no cio. Já o homem caça com o cão e o rifle, e mantém relações com sua mulher, não importa quando.

Os instintos são obscuros meandros para si mesmos. A inteligência, por ser diáfana e transparente, pelo menos até certo ponto, não pode estruturar a conduta humana à maneira puramente instintiva. Ela permite até mesmo o auto-conhecimento e este, por sua vez, só é possível por meio da reflexão crítica. Como disse Hegel, "a consciência é, por um lado, a consciência dos objetos; por outro, consciência de si mesma; consciência do que é verdadeiro e finalmente consciência do conhecimento da verdade."¹⁵ O estoque de conhecimento, unificado pe-

14. CHOMSKY, Noam. Language and mind. New York, Harcourt Brace Jovanovich, 1972. p. 68.

15. VON HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. The phenomenology of mind. Trad. George Lichtheim. New York, Harper & Row, 1967. p. 141.

la egoidade e imbricado pelas emoções e pulsões primitivas é a consciência, este espaço do humano acontecer.

3. O ESTOQUE DE CONHECIMENTO

O estoque de conhecimento, permeado de emoções e experiências vivenciadas e unificadas pela *centripetidade* da egoidade, não pode ser visto como apenas conhecimentos do equipamento. Ele só acontece ao lado das emoções e sob a tutela da egoidade.

O que o homem guarda como conhecimento não é uma informação amorfa e neutra. Pelo contrário, ela pressupõe vida e experiência. Na verdade, boa maioria das palavras que usamos estão repletas de recordações e lembranças, além de seu significado propriamente dito.

Este estoque de conhecimento, *base* da consciência, para ser bem conhecido, deve ser examinado na cotidianidade da existência. O homem não se deixa conhecer de todo em seu laboratório. A espontaneidade, a fluência comportamental e a criatividade são partes integrantes da conduta humana. Deixá-las de fora das ciências do homem seria escolher de antemão conhecê-lo parcialmente.

a — Sua Origem

O homem não é apenas *homo sapiens*; ele é também *homo socius*. Sua natureza inteligente e gregária permite-lhe travar uma relação aberta com o mundo. Seu período de maturação, ao contrário da maioria dos animais, é muito prolongado, chegando a tomar aproximadamente 1/3 de sua vida. Os bovinos, por exemplo, aos três anos são adultos completos. Já os humanos chegam à maturidade no limiar dos vinte anos, quando tudo lhes é favorável. Na medida, aliás, que a sociedade se sofisticava mais, este período tende também a se estender. Prova disso está na diferença deste limiar entre os camponeses e os cidadãos.

Todo indivíduo é introduzido na estrutura social e cultural através de sua família ou equivalente. Sua natureza mimética, própria dos primeiros anos de vida, permite-lhe assimilar os hábitos daqueles que o cercam. Por meio deles, os hábitos, ele passa a se comportar como seus semelhantes. "A formação do hábito acarreta o importante ganho psicológico de fazer estreitarem-se as opções."¹⁶ O hábito direciona e espacializa a ação e por isso poupa a natureza humana dos novos condicionamentos e permite a organização social do comportamento.

São os hábitos que permitem a institucionalização. Toda vez que houver

16. BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Trad. Flórida de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes, 1978. p. 78.

"uma tipificação recíproca de ações habituais,"¹⁷ ocorre aí uma institucionalização. Isso permite que as ações sejam *partilhadas* na sociedade e, em seguida, submetidas ao controle dela mesma. A invenção deixa de ser um bem particular, para se tornar coletiva. A institucionalização faz que cada indivíduo possa prever o comportamento do outro, pelo que as relações humanas tornam-se mais previsíveis e organizadas.

Em vista de sua organização, o mundo institucional torna-se objetivo. Antes que o indivíduo nasça, já está lá o mundo social que vai recebê-lo. Esta objetividade, entretanto, é fruto da construção social. Ela não é como a objetividade do sol que brilha diante dos olhos de todos. Ao ser legitimado, o mundo individual adquire firmeza e resistência dentro da cultura. A lei, por exemplo, ao ser aprovada pela comunidade, fica acima dos cidadãos.

O mundo institucional confere aos indivíduos papéis a serem desempenhados. Para cada um, escolhe-se um repertório de comportamentos, os quais, por sua vez, estão estruturados em hábitos compartilhados e legitimados. De certa forma, o mundo social pode ser comparado a uma peça teatral. Como dizia William Shakespeare:

Todo o mundo é um palco,
E todos homens e mulheres apenas atores;
Eles têm suas saídas e suas entradas,
E cada um desempenha vários papéis em seu tempo,
Para seus atos ficarem por sete gerações.¹⁸

A gênese dos papéis está situada exatamente no processo da estruturação dos hábitos e sua objetivação posterior. Os papéis aparecem, porque as tipificações recíprocas conferem aos indivíduos maneiras e seqüências semelhantes em suas condutas. O papel distribui tarefas e espera comportamentos correspondentes e adequados. O médico, ao desempenhar seu papel social, representa a medicina, pelo que sublima em certos momentos seus instintos. Ao tocar nos órgãos genitais de sua paciente, o ginecologista faz uma *epoché*¹⁹ de sua sexualidade. Se assim não for, sua reputação de "safado" será ventilada nas ruas e praças. Os papéis exigem performances precisas; eles garantem a vida das instituições.

Outra consequência dos papéis é a especialização do conhecimento. Ao desempenhar seu papel, o indivíduo adquire e privilegia alguma região da cultura e nela forma sua especialidade. Este conhecimento, em seguida, é socializado e revertido ao benefício mútuo. O mecânico confia nas mãos do cirurgião e este, por sua vez, confia nas mãos do mecânico que lhe regulou o freio de seu veículo, antes do passeio. A interdependência do conhecimento é algo inevitável. Nin-

17. BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas, op. cit., p. 79. Se não houvesse a tipificação e a consequente partilha na conduta, a sociedade não seria possível, pois cada um seguiria seu isolado destino.

18. SHAKESPEARE, William. *As you like it*, Ato II, Cena VII, Linhas 139-143. In: G. Blakemore Evans, ed. *The Riverside Shakespeare*. Boston, Houghton Mifflin, 1974. p. 381.

19. Em HUSSERL EDMUND, *epoché* é um parêntesis, para isolar os julgamentos anteriores e com isso achar a essência através da descrição neutra.

guém pode saber tudo ao mesmo tempo.

As instituições, com o tempo, reificam-se e distanciam-se do mundo da vida. Esquecendo-se de que é o autor delas, o homem submete-se ao monstro que criou. Os dogmas, os tabus, as crenças e os preceitos tornam-se maiores que o homem mesmo. A Igreja, por exemplo, acredita ser a representante de Deus na terra. Ora, como sustentar uma paranóia tamanha, se nenhum homem conhece bem a si mesmo; o que vale dizer que de Deus nada se sabe, exceto algumas pobres analogias. É muita arrogância e abuso da inteligência humana tal pretensão. Ainda que absurdo este desejo, ele é oficial e aceito entre os cristãos. A reificação institucional da Igreja fê-la *desconstruir* o conteúdo social de seus textos, atribuindo-lhes a autoria divina. Em épocas passadas, ai de quem deles duvidasse.

É exatamente neste ponto que entra a tarefa pristina da *educação* como experiência crítica. A reificação, ao ser legitimada, *obnubila* a realidade e mantém o homem nas trevas. Ela não permite que ele veja por si mesmo o mundo. Pelo contrário, ela o faz opaco e misterioso.

As instituições mais poderosas atribuem a si papéis também de grande relevo. O exército cria o mito da *segurança nacional* e com ele submete a nação toda a seu poder e arbitrariedade; a Igreja diz-se a ligação entre os homens e Deus, pelo que pode perdoar ou condenar na terra. Desta maneira, muito sutilmente controlam a vida dos homens.

Somente a educação pode *des-fazer* ou *des-construir* tamanha barbárie com a vida humana. Viver nas trevas é tudo que o homem não pode fazer. Sua grande marca como *existente* é ser luz e causa da luz.

Cada indivíduo, ao nascer e ser introduzido na cultura e sociedade, herda esta conjuntura toda. Enquanto adquire sua língua natal, também se lhe dão papéis e exigem-se dele comportamentos de respeito às instituições vigentes. A socialização do indivíduo dá-lhe um estoque de conhecimento. Embora passe despercebido, o mundo social é muito complexo e é a Stoff da qual se origina o estoque de conhecimento. Conhecê-lo bem em suas sutilezas subentendidas é um imperativo para a melhoria da vida social consciente.

b — Sua Estrutura e Conteúdo

O primeiro e mais fundante ingrediente do estoque de conhecimento é a situação que deu origem a cada experiência. Nada acontece na cotidianidade que não esteja envolvido por uma situação específica. São elas, as situações, que enraízam a experiência da *concretude* do mundo natural e social. O crime cometido tem uma situação que o explica. Como experiência, ele entra para o estoque de conhecimento do criminoso, para fazer parte de *biografia*, envolto num esquema de racionalizações, adrede maquinadas, com o fito de justificar seu delito social. As experiências, portanto, não estão estocadas em formas e conteúdos puros. Mediante o conteúdo e a forma, está o ingrediente da situação que originou a experiência.

A situação a que se refere aqui, pode ser desdobrada em elementos menores: *tempo* e *espaço*. O político democrata, ao perceber que seu Estado tornou-se autoritário e absoluto, através dum Coup-d'État, re-arranja seu estoque de conhecimentos, porque os tempos são outros. Muitos "democratas" tornam-se ditatoriais em vista das circunstâncias. O tempo como elemento constitutivo da experiência humana é deveras importante. Todo indivíduo sabe que para se tornar um cientista, faz-se necessário um longo período de tirocínio em algum lugar adequado. A conduta humana, da qual o estoque de conhecimento é fundamento, depende da *temporalidade*.

Do mesmo modo, o espaço é decisivo na formação do estoque de conhecimento. As relações dum indivíduo com o meio, se ele for nativo das caatingas, serão muito diferentes daquelas de um nascido em terras férteis. A severidade ou amenidade do meio marca o indivíduo. Sua biografia estará para sempre marcada pela situação existencial-espacial. A guerra, em igual ou pior proporção, deixa impressões profundas nos indivíduos. O cenário de desespero, fome, sangue e destruição chega mesmo a criar profundas neuroses nos indivíduos.

O estoque de conhecimento é complexo e nele muita coisa passa despercebida. Na cotidianidade, o indivíduo não percebe o uso do complexíssimo que faz do conhecimento: seu equilíbrio em posição vertical e os limites do próprio corpo. Ao subir ou descer uma escada, cavalgar, nadar, dirigir ou tocar um instrumento, o indivíduo está fazendo uso de seu estoque de conhecimento. Os trabalhos manuais, sobretudo, exigem um grande adestramento das mãos e do corpo, para realizá-los. Só se percebe o quão importante são estes conhecimentos, quando se está privado de seu uso efetivo.

Além destas habilidades despercebidas, há ainda as receitas, os conselhos e a experiência. O indivíduo, ao longo de sua vida, aprende formas peculiares de como realizar determinadas tarefas, ainda que sem compreendê-las em suas sutilezas, a ponto de poder passá-las a outrem em formas de receitas. Sabe-se que a erva-cidreira acalma o indivíduo nervoso; os porquês, contudo, são desconhecidos.

Na agricultura, sobretudo antes da grande modernização mecânica, o ciclo lunar exercia decisiva influência nos plantios, cultivo e criação de animais. Havia ciclo para semear, cultivar e castrar os animais domésticos. Estas receitas são passadas de geração a geração, tornando-se parte do *receituário popular*.

Os conselhos são também muito importantes no dia-a-dia. Pessoas mais velhas têm sempre pareceres a dar aos mais novos, com respeito a problemas de ordem pessoal, familiar e até profissional. Por isso, tornam-se confidentes dos mais jovens. Hoje, ao invés do conselheiro e confidente, a sociedade engendrou o psicoterapeuta.

Já a experiência está a nível do próprio indivíduo. Para muitos, a soma de eventos, pelos quais passaram, lhes dão um grande poder de análise e compreensão da realidade cotidiana. Seu relacionamento com os outros torna-se mais sábio e realista. Do mesmo modo, sua profissão chega ao nível de *expertise*. Para alguns mecânicos, basta apenas um ruído estranho do motor, para saberem que

está fora do ponto de ignição. A experiência é a base da vida cotidiana. Ela é a própria prática.

O estoque de conhecimento tem sua estrutura interna. Há nele regiões contíguas e também distantes. Algumas estão mesmo interligadas e outras quase desligadas. O conhecimento que se tem dos sinais de tráfego, por exemplo, nada tem a ver com a habilidade da pesca. Por outro lado, o conhecimento das fases lunares interconecta-se com quase toda cotidianidade do homem simples do campo.

Se houver incompatibilidade entre os elementos do estoque de conhecimento, naturalmente as diferenças se aplainarão, de modo a permitir que a estrutura total mantenha sua coerência interna, sem a qual o indivíduo não resistiria. Os conflitos possíveis são aquelas plausíveis de serem administrados pelo indivíduo.

O estoque de conhecimento e a biografia do indivíduo vão pari passu vida afora. A biografia é a história pessoal que o indivíduo escreve existencialmente e seu estoque de conhecimento é tudo que ele guardou para si como saber sobre a vida. Há mesmo uma grande correlação entre ambos. A biografia desestruturada provém de um estoque de conhecimento desarranjado.

c — O Mundo Cotidiano e a Educação Escolar

Em termos gerais, a educação hodierna esqueceu-se da relevância da cotidianidade na estruturação do comportamento. O grande drive²⁰ para a aprendizagem das ciências relegou a segundo plano o interesse pela reflexão e compreensão do comportamento humano, tomado em sua existencialidade. É verdade que a psicologia não tem medido esforços para explicar a estrutura do comportamento; é preciso, entretanto, reconhecer que seu esforço *laboratorialesco* deixa escapar a cotidianidade da vida. O laboratório é artificial e distante do *Sitz im Leben*.²¹

A explicação científica do comportamento retira da fluência comportamental sua naturalidade. Nessas condições, as nuances pessoais desaparecem e com elas um pouco da pessoa também. Somente uma analítica que levasse em consideração o indivíduo com suas peculiaridades poderia compreendê-lo bem. O laboratório é desprovido de cotidianidade.

Ao se esquecer do cotidiano, com todo seu significativo impacto sobre a existência de todo e cada indivíduo, a educação não faz uso de seu grande trunfo: a formação da consciência. Não seria novidade para nenhum filho de Adão o fato que a consciência é mais importante que a ciência. Aliás este é o grande mal do mundo contemporâneo: grande formação científica e pouca formação da consciência crítica.²²

20. Na língua inglesa, a palavra *drive*, além de seu significado natural, qual seja, dirigir, é usada idiomáticamente na acepção de força que impele.

21. Esta expressão, usual na língua alemã, refere-se ao "lugar concreto e circunstâncias culturais" que exercem influência na estruturação do comportamento humano.

22. Somente com a consciência crítica está apto o indivíduo a fazer escolhas que não estejam impregnadas pelo interesse maior das forças econômicas e políticas. O indivíduo consumista responde muito bem ao que pretende o sistema. Ele é dócil, acrítico, "atualizado" e independente, dizem os comerciais.

A ciência não pode estar desvinculada da vida. Sua função primordial é facilitar as condições, nas quais a vida se exerce. Uma ciência desvinculada do homem concreto e cotidiano, isto é, desumana, pode resultar no que se observa hodiernamente: uma tecnologia desenfreada, poluidora e destruidora do meio ambiente. Na verdade, já está mesmo em jogo o futuro do homem na terra.

Tanto a ciência deve *humanizar-se*, como o homem deve *cientificar-se*. Uma ciência, voltada para a vida, observando com os olhos humanos os acontecimentos do *Sitz im Leben* e um homem *demitologizado* e mais atento aos avanços da ciência dariam azo a mundo melhor. Nas trevas dos mitos e tabus ou na selvageria da ciência frankensteiniana, o homem estará cada vez mais distanciando-se de si próprio. Os mitos seguram, juntamente com os *dogmas*, o homem nas trevas da história.

A educação não pode evitar a tematização do cotidiano, porque nele se encontram as estruturas escondidas do comportamento. Ao trazer à baila o mundo cotidiano, a educação trará para seu terreno o ponto fulcral da formação da consciência crítica: *os valores*. Escondidos no ermo da consciência e possivelmente servindo aos interesses de outrem, eles *modelam, dominam e direcionam* a existência. Por isso devem ser *clarificados* em sua complexa estrutura. Só assim os indivíduos poderão fazer escolhas autênticas. Como Nietzsche bem o mostrou, os valores pertencem ao grupo dominante e por isso não são necessariamente válidos para os dominados.²³ A *re-opção* de valores seria fundamental na educação. Negá-los, rejeitá-los, mudá-los ou aceitá-los conscientemente, são atitudes diferentes do passivismo, tão a gosto do sistema político, econômico e religioso, confirmado pela educação *deseducante*.

Este é o calcanhar de Aquiles da educação moderna. Os valores são assumidos como tais e deles fala-se pouco. Aqueles que deles falaram abundantemente, fizeram-no numa situação embebida de interesses ideológicos. Noutras palavras, a Igreja, a pregadora dos valores cristãos, queria naturalmente arrebatar prosélitos para seus redes e não ajudar o homem a se libertar das peias que o prendiam.

O valor deve ser esclarecido não a partir da ótica duma instituição isolada, dogmática, mítica e tabuesca. O critério para se testar a validade de algo na vida não é o púlpito, o palanque ou o pódium, mas sim a existência em sua cotidianidade. É nela que está a verdade *acontecete* e viva. Por exemplo, o anticoncepcional é bom e está de acordo com o bem do homem, não porque a "Humanae Vitae" reacionariamente dele falou, mas sim porque ajudou o homem a melhor realizar sua difícil tarefa de existir em família.

O valor esclarecido e clarificado é uma conquista, alcançável somente pela consciência crítica, a qual por sua vez, tem como Stoff a cotidianidade. Não é o discurso científico que a estrutura. Pelo contrário, é a existência concreta que escreve a biografia de todo indivíduo.

23. Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *Zur genealogie der moral; eine streitschrift*. Frankfurt, Inseln Verlag, 1984. p. 229, onde o autor atribui o desvio inicial à classe sacerdotal.

À educação não cabe outra alternativa, senão bater a poeira das penas e alçar novos vôos nas atmosferas da criticidade. *Educar é fazer os olhos ver por si mesmos*. Tudo que não isso, é apenas *domesticação*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSUBEL, D.P. The psychology of meaningful verbal learning. New York, Grune & Stratton, 1968.

BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Trad. Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis, Vozes, 1978.

BUBER, Martin. Das dialogische Prinzip. Heidelberg, Verlag Lambert Schneider, 1979.

CHOMSKY, Noam. Language and mind. New York, Harcourt Brace Jovanovich, 1972.

EVANS, G. BLAKEMORE. The riverside Shakespeare. Boston, Houghton Mifflin, 1974.

FESTINGER, Leo. Teoria da dissonância cognitiva. Trad. Eduardo Almeida. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

HEIDEGGER, Martin. Sein und Zeit. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1979.

HUSSERL, Edmund. Ideen zu einer reinen Phanomenologie und phanomenologischen Philosophie. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1980.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Phénoménologie de la perception. Paris, Galhimard, 1983.

NIETZSCHE, Friedrich. Zur Genealogie der Moral; eine Streitsschrift. Frankfurt, Inseln Verlag, 1984.

SAGAN, Carl. Cosmos. Trad. Ângela do Nascimento Machado. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982.

SCHUTZ, Alfred & LUCKMANN, Thomas. The structures of life-world. Trad. Richard M. Zanner. Evanston, Northeastern University Press, 1973.

VON HEGEL, George Wilhelm Friedrich. The phenomenology of mind. Trad. George Lichteim. New York, Harper & Row, 1967.